

Homenagem a Ruy de Oliveira Andrade Filho

A vida acadêmica pode ser muito generosa, e há momentos em que ela efetivamente nos prova essa sua vocação. Nossa ação e interação na Universidade nos trazem bons mestres, ótimos colegas, grandes amigos. Mas, para além disso, nosso trânsito na academia por vezes nos faz descobrir irmãos – de intelecto, vontade e alma – que nos permitem criar laços profundos com o outro e nele reconhecemos a nós mesmos.

Ruy de Oliveira Andrade Filho é alguém que tem reunido, para mim, ao longo desses quase treze anos de convívio, todas essas características. Creio que, neste tempo nem tão longo, coube uma vida inteira. A mim sempre me parece que conheço o Ruy desde sempre, tamanho o afeto que nos une, tamanha a transparência que nos conecta. E este é um momento privilegiado para se afirmar que, para todos nós – seus alunos, colegas, amigos e irmãos –, a generosidade da academia tem se materializado na pessoa do Ruy.

10

A trajetória de pesquisador e docente daqueles a quem admiramos arrisca a sempre nos parecer distante e deslocada *desta* realidade. É como se o caminho que os conduziu até aqui fosse uma manifestação quase imaterial, já que tudo quanto teria se passado *antes* deveria *necessariamente* conduzir ao momento atual, marcado pela maturidade acadêmica. Não é este o caso em questão. Seja porque a simplicidade de sua forma de existir e relacionar-se *desobriga* os títulos e deferências, *obrigando*, pois, todos a tratá-lo, invariavelmente, por “Ruy”; seja porque ao próprio Ruy nunca teria parecido proveitoso alimentar imaginações acerca de uma vida supostamente elevada, e situada acima e além de todos; seja porque toda fantasia, qualquer que fosse ela, jamais resistiria à realidade que se impôs desde sempre – e que resultaria em valorizar as conquistas e, ao mesmo tempo, humanizar o herói.

A formação do *magister* foi trivial – os anos de curso noturno na Universidade de São Paulo acompanhados de muito trabalho: o exercício da profissão acompanhou a formação do professor. Mas o trivial é matéria-prima valiosa para sensibilidades elevadas – e Ruy acabou por aliar o exercício da *ars historica* a uma percepção finíssima, que conduziria, afinal, a um desempenho brilhante. Minha certeza é de que a música, sua grande paixão, forjou o historiador, modulando sua criatividade investigativa e sua narrativa sedutora.

Acredito que, ao exercermos nosso ofício, criamos realidades pelo poder da palavra. A capacidade criadora da *ars poetica* – entendida esta como todo *ato de fazer*

por meio da narrativa – nos estabelece, historiadores, como *demiurgos* – criando a partir de sua própria matéria, a saber, as palavras. Por essa razão, o ato de escrever a história – a historiografia – é, implicitamente, criativo. O historiador, mestre dessa criação é, portanto, *criador*. Essa relação tem implicações fundamentais para a compreensão do alcance e do poder de nossa produção. Para além – e como decorrência – da questão criadora, acredito que nosso ofício tenha implicações *transformadoras*. O agir no mundo, a partir da palavra, implica – ao menos, prevê – a mudança. Essa sempre pode ser ampla, mas é imediatamente perceptível na capacidade formadora de um professor. O plantel constituído por estudantes e discípulos egressos representa nossa capacidade formadora, multiplicadora e, potencialmente, transformadora.

Em sua trajetória, Ruy tem sido um grande formador: seus atuais e antigos alunos se encontram, hoje, como pós-doutorandos e docentes, em universidades por todo o Brasil. O ensino e a pesquisa em História carregam e carregarão sua marca indelével, por todo o país. Seus discípulos se tornaram mestres, e hoje são seus colegas, amigos – muitos são irmãos. Todos eles, certamente, conheceram sua generosidade. E a seu modo, e por sua própria ação criadora, poderão levar adiante uma transformação.

A formação do *doctor*, como se vê, dura muito além do tempo da feitura de uma tese. O *doctor* está para além dos *scriptoria*, e demanda uma vida para realizar-se plenamente. Comemoramos, aqui, esta realização. A Idade Média juntou nossos caminhos e, a partir de um certo – e feliz – momento, nos reuniu em torno deste personagem único, ímpar, indispensável.

II

São Paulo, dezembro de 2017
Ana Paula Tavares Magalhães.